

REZA E MUSICALIDADE: EXPERIÊNCIAS DE TERÇOS CANTADOS NOS MUNICÍPIOS DE ANÁPOLIS E PIRENÓPOLIS/GOIÁS

Maria Idelma Vieira D'Abadia¹

Tereza Caroline Lôbo²ⁱ

Introdução

As manifestações culturais religiosas em Goiás apresentam ampla diversidade e singularidade explicadas em parte pelos diferentes fluxos migratórios e pelas suas raízes rurais. As riquezas dessas tradições desenvolvidas no sertão goiano sustentam identidades e religiosidades que associam fé e festa, celebrações fundadas em relações solidárias que permitem não uma, mas diversas análises e interpretações.

Solenidades carregadas de rituais que exibem cores, cheiros, sabores e sons materializados nas vestimentas, na fartura e gratuidade das comidas, na musicalidade que coordena gestos e rezas com peditórios e agradecimentos formando um imbricado “sistemas de trocas de dons” (Mauss, 2003) e “processos rituais” que se desenrolam no tempo e no espaço (Turner, 1974).

Esses processos constituem partes de práticas religiosas de um segmento social revelando suas raízes. De acordo com Bosi, “a condição material de sobrevivência das práticas populares é o seu enraizamento” (1987, p. 11). Dado importante na cultura popular, na qual retomando práticas e valorizando memórias dos grupos envolvidos reforça seus valores e resgata suas raízes.

Desse modo, este artigo desenvolve reflexões sobre o terço cantado em dois municípios goianos: Pirenópolis e Anápolis. Em Anápolis o terço é realizado antes das festas de padroeiros paroquiais, tem o objetivo de arrecadar contribuições para a realização da festa de padroeiro dessas paróquias, a saber, paróquia de Nossa Senhora Aparecida, São José, São Pedro e São Paulo, e durante os rituais de folias de Reis. Já em Pirenópolis foram estudados os terços rezados nos presépios domésticos distribuídos pela cidade, o terço cantado em homenagem ao Menino Deus cujo ritual ocorre no dia primeiro de janeiro e os terços cantados pelos cavaleiros das tradicionais Cavalhadas em louvor ao Divino Espírito Santo.

1226

1 Doutora em Geografia, docente do Programa de Pesquisa e Pós-graduação Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – UEG midabadia@bol.com.br

2 Doutora em Geografia, docente do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do Câmpus Pirenópolis – UEG terezacarolinelobo@gmail.com

O terço cantado é uma manifestação religiosa/cultural e popular que ocorre sempre em datas festivas do calendário católico, preferencialmente em dias de santos, quaresma e sexta-feira santa. A cultura popular cria os seus próprios modos de produzir o sagrado em uma linguagem cantada. Para Paula e Duarte,

os terços rurais cantados em suas peculiaridades linguísticas e sócio-religiosas, são, em primeiro ponto de vista, o da história da colonização brasileira, a mescla reinventada do catolicismo português, trazido por jesuítas e missionários e disseminado para o interior do país, com uma proposição muito particular, a de ensinar a doutrina cristã em épocas mais avançadas na história da colonização (Paula e Duarte, 2010, p.406).

Em outros momentos do passado os terços cantados eram praticados, preferencialmente na zona rural. Atualmente são praticados nas cidades promovendo uma festa semelhante as que aconteciam na zona rural, evidenciando uma tentativa de manter vivas essas tradições.

O terço cantado, enquanto um ritual religioso é promovedor de uma socialização de seus praticantes reunidos no princípio da celebração, do encontro, da festa. Para o homem do campo é o renovar/reforçar suas energias, para o homem urbano é a promoção da sociabilidade e do trabalho de uma coletividade, singularizando a renovação de forças para (re) começar o festivo. Para Machado significa “as solidariedades e os (re) encontros que compõem um cenário de esperança por dádivas divinas e o reconhecimento pelas graças recebidas” (2000, p.52).

Essa manifestação representativa da religiosidade goiana responde a uma necessidade e preenche a função de ligação religiosa com o divino. É praticar a fé cantando e festejando, onde a liturgia dos homens e mulheres cumpre o louvor incondicional há um determinado santo. Em Anápolis o terço é realizado, antes das festas de padroeiros, com maior frequência acontece nas paróquias de Nossa Senhora Aparecida no bairro Alexandrina, São José no bairro Itamaraty e São Pedro e São Paulo, no bairro Maracanã. Já em Pirenópolis os terços são rezados nos presépios domésticos distribuídos pela cidade no período natalino, o terço cantado em homenagem ao Menino Deus cujo ritual ocorre no dia 1 de janeiro e as alegres reuniões realizadas pelos cavaleiros das tradicionais Cavalladas em louvor ao Divino Espírito Santo que em encontros semanais cantam o terço e tecem as teias festivas de Pentecostes. O primeiro configura-se como uma festa familiar que atraem vizinhos e amigos próximos, é popular por ser recorrente em várias casas, já os outros dois são aberto ao público, têm nos últimos anos aumentado o número de partícipes.

Durante essas manifestações de fé ocorrem os encontros de pessoas da vizinhança e da comunidade religiosa, e por meio de observações foi possível algumas aferições sobre estas festividades do catolicismo popular destacando as peculiaridades de cada uma delas. Ao dar ouvidos aos foliões ou membros da comunidade que participam e vivenciam tais manifestações culturais foi possível perceber suas expressões e significados mais latentes expressos nas emoções e sentimentos externalizados durante os rituais.

Após a manifestação de devoção e prece ou misturada e alternada a ela é comum a realização de quermesses com brincadeiras como o pau de balinha, fogueira, catira, músicas, farta distribuição de comidas, dentre outros entretenimentos que foram registrados como parte integrante do processo de festejar o santo e homenageá-lo com preces, cantos, danças e muita alegria.

Os terços em Anápolis e suas peculiaridades

O terço é um ritual coletivo de fé no qual as pessoas se reúnem para rezá-lo cantando, festejando, e referenciando um determinado santo. De acordo com a doutrina católica, o terço é uma parte do rosário. O rosário é um importante instrumento ritual católico feito para ordenar as reza.

No caso em questão, os terços cantados podem ser rezados nos três mistérios do rosário: mistérios gozosos, mistérios dolorosos e mistérios gloriosos. O primeiro terço cantado, no mistério gozoso, refere-se a passagens bíblicas que estão divididas em cinco mistérios de alegria que tem por finalidade honrar a anunciação do Arcanjo a Maria, a visita dela a Isabel, o nascimento de Jesus, a apresentação dele no templo e a purificação de Maria. O segundo terço cantado, no mistério doloroso, contempla os cinco mistérios dolorosos ou da dor, agonia de Jesus no monte, sua prisão e os açoites, a coroa de espinhos, o caminho da cruz e a crucificação. O terceiro terço cantado, no mistério glorioso, refere-se aos cinco mistérios gloriosos ou da glória, da ressurreição, ascensão do senhor, pentecostes, ascensão de Maria, e o coração da virgem como rainha do céu e da terra.

De acordo com a prática corrente, a segunda e a quinta-feira são dedicadas aos “mistérios da alegria”, a terça e a sexta-feira aos “mistérios da dor”, a quarta-feira, o sábado e o domingo aos “mistérios da glória”. Em concordância com essa prática, os terços cantados do final de semana geralmente contemplam os mistérios gloriosos ou gozosos.

Na cidade de Anápolis são realizados terços cantados em vários bairros e durante os giros das folias. No entanto, nas paróquias já mencionadas de São José no bairro Itamaraty, São Pedro e São Paulo no Maracanã e Nossa Senhora Aparecida na Alexandrina os terços

cantados são atividades planejadas e organizadas, com convites antecipados, com o intuito de arrecadar fundo o que diverge de outras práticas semelhantes em que o terço é realizado sem fins lucrativos.

O ritual é parecido nas três paróquias, até porque muitos dos organizadores e participantes transitam pelas três promovendo uma rede de solidariedade e compromisso com o sagrado. O terço cantado é alternativa de promover a reza tradicional, inovando e agregando pessoas para participarem de uma grande quermesse e atividades lúdicas após o término da reza. Os meses de realização do evento são: março, junho e outubro antes das festas de padroeiros.

No dia marcado para o terço, geralmente, na sexta-feira ou sábado no período noturno, homens e mulheres se reúnem para promover o evento no qual terão várias funções. No canto do terço, em alguns casos somente os homens o puxam e tocam os instrumentos musicais, em outros há participação das mulheres na condução do terço e no toque dos instrumentos. Os instrumentos mais utilizados são viola, violões, sanfonas e alguma percussão. Nota-se uma importante participação das mulheres na arrecadação voluntária de donativos, na confecção das comidas e dos leilões, na ornamentação do local, atividade nem sempre presenciada pela assistência do terço, uma ação dos bastidores.

Ao término, do ritual religioso, são comercializadas as comidas, preparadas com antecedência, e os leilões doados pela comunidade participante e organizadora. Os principais tipos de alimentos vendidos no local são: churrasquinhos, doces, canjicas, salgados, batatas-fritas, caldos, bebidas e refrigerantes. O dinheiro arrecadado durante o evento é destinado à organização das festas de padroeiros. Outro momento importante do terço consiste nas brincadeiras e diversão como pau de balinha, fogueira, música ao vivo, contadores de causos.

Em Goiás a prática do terço cantado está presente nas comunidades rurais, assim como nos centros urbanos, cada comunidade apresenta características sobre a forma de produzir o sagrado e o lúdico.

Cantar e rezar: as festivas celebrações em Pirenópolis

Quando o assunto é festa, Pirenópolis é uma referência expressiva no cenário goiano, principalmente aquelas envoltas pela tradição e pelo universo popular das celebrações religiosas. As festas locais, desde os tempos da prospecção aurífera, eram momentos de intensas sociabilidades nos quais as famílias e a população em geral se reuniam para cultivar

seus santos, isso pode ser atestado na quantidade e suntuosidade dos templos religiosos cujo mais amplo foi erigido em homenagem à padroeira Nossa Senhora do Rosário e ocupa a centralidade do núcleo urbano até os dias atuais. É importante destacar que com a escassez do ouro e o desenvolvimento do comércio e da agropecuária, no início do século XVIII, houve uma fusão dos espaços urbanos e rurais observados por Saint-Hilaire (1975) ao destacar a ausência dos moradores na cidade durante a semana e o retorno destes nos domingos e dias festivos.

Os espaços dedicados à realização das festas não se limitavam aos templos religiosos e coletivos, as casas e seus ambientes domésticos definiam novas formas de sociabilidades restritas às famílias, colocando-se como objetos culturais que produzem “ações que vão além das expectativas previsíveis de tais espaços” (Oliveira, 2001, p.29). São nestes ambientes da domesticidade e da familiaridade que vão acontecer os terços que cantam os mistérios da vida de Jesus e de sua mãe Maria, estas celebrações vão perpetuar por gerações e se fazerem presentes na atualidade.

Além de cantar o Pai-Nosso e as Ave-Marias estes terços natalinos cantam músicas religiosas sobre a história da natividade de Jesus. O coro é acompanhado por instrumentos musicais como o acordeon, o violão e o cavaquinho que são tocados quase sempre pelo mesmo grupo que cumpre a função de visitar os presépios e cantar o terço.

O presépio, do latim — *proesepium, estábulo ou proesoepe, manjedoura* — tem tradução e veneração nas regiões católicas. São Francisco é tido como o patrono universal do presépio e os frades franciscanos os responsáveis pela sua popularização ao promover e valorizar o culto à natividade. Não foi possível precisar o início desta festividade em Pirenópolis, o que é fato é sua realização por diversas famílias que montam o cenário do nascimento de Jesus e realizam rezas diante da alegoria elaborada. Os terços cantados observados e registrados foram os realizados em dezembro nos presépios montados nas casas para os festejos de Natal. Foram várias as famílias visitadas dentre as quais se destacam as famílias: Oliveira, Abreu, Pina, Lôbo e Veiga que há pelo menos duas gerações realizam o terço cantado diante do presépio.

Quando indagados sobre o objetivo da realização do terço a resposta recorrente é a tradição familiar de rezar e festejar juntos e o fato de tornar a liturgia do Natal através das representações da cena de adoração à sagrada família mais acessível e, portanto mais próxima dos entes e amigos.

Desde o período colonial, têm-se notícias de presépios no Brasil, montados nas igrejas e principalmente nas residências particulares. A data de montagem dos presépios é oito de dezembro, quando é comemorado o dia da Imaculada Conceição –, nesta data plantam-se as sementes de arroz para que até na semana do Natal estejam brotadas compondo a paisagem natural dos presépios –, e o desmonte acontece em seis de janeiro, no dia consagrado aos Santos Reis; ao longo deste tempo estes atraem visitas para observação do cenário, alguns possuem fontes de água e personagens que se movimentam, sendo um espetáculo à parte. No dia estipulado pelo grupo de músicos, cantores e rezadores são realizados os rituais em torno desta encenação que tem início com o canto do terço seguido da farta distribuição de comida ao final. São servidos chás, café, sucos e quitandas como biscoitos de queijo, bolachas de nata, pães, pipocas, bolos dentre outras variações.

Segundo Cascudo (1972) desapareceu o costume de entrecos como as lapinhas, ou pastoris que, representadas por pastoras divididas nos cordões azul e vermelho, cantavam diante dos presépios. Em Pirenópolis, os presépios são bastante difundidos e ainda conserva a tradição da realização da Revista *As Pastorinhas*, cujo enredo narra a jornada de um grupo de pastores à Belém, um fato curioso é que este auto natalino ocorre no período de Pentecostes, quando acontece o festejo maior da cidade, a Festa do Divino Espírito Santo.

Os presépios refletem os lugares onde são montados, sendo por isso possível definir algumas tipologias, particularmente identificáveis pelo numeroso e diversificado conjunto de figuras do povo, que constituem os planos secundários, com registros de cenas do cotidiano; de forma simplificada, podem-se associar ambientes campestres, grutas e montes, arquiteturas urbanas com casas postadas nas encostas, cenas de ofícios variados, dentre outros. A criação destes cenários natalinos extrapola a estrutura religiosa, sendo, contudo reveladores de situações sociais e crenças que compõem o contexto do imaginário do lugar onde estão inseridos.

O culto ao menino Deus se desenvolveu no século XVI dentro das ordens religiosas, sobretudo nos conventos femininos da Espanha. Foi ampla a produção portuguesa das imagens de Jesus infante nos séculos XVII e XVIII, expandindo-se pelas colônias e apresentando-se, principalmente, nos oratórios familiares. Em Pirenópolis, o escultor Joaquim da Veiga Valle, importante representante da arte sacra em Goiás no século XIX, esculpiu mais de uma dezena dessas imagens.

A festa ao Deus menino, ou Menino Jesus de Arlinda, como popularmente é conhecido, fazendo referência a uma das herdeiras da imagem, é uma festa popular em Pirenópolis. A escultura com aproximadamente 30 centímetros de altura, é de propriedade

particular e, segundo informações da atual proprietária é de origem portuguesa tendo chegado à cidade na primeira década do século XX. O culto vem passando pelos descendentes que mantêm a tradição de abrir a casa e o oratório para os devotos.

A casa que recebe os devotos é uma casa modesta que tem na sala de entrada um altar de alvenaria construído especialmente para abrigar a imagem e servir de visitação ao longo do ano para orações individualizadas e para a festa no dia 1º de janeiro. Além das orações a imagem recebe doações em ouro – pulseiras, colares e anéis – e a roupa bordada especialmente para o dia da festa, resultante das promessas feitas ao Menino Deus.

Foi assim que em 1966 uma devota instituiu o terço cantado na tarde do dia primeiro de janeiro. A festa congrega nos dias atuais a família proprietária da imagem, a família promotora do terço cantado e dezenas de partícipes devotos do Menino. A comemoração consiste na realização de um terço acompanhado por vários instrumentos musicais e um coro de devotos que entoam canções de louvor e hinos que fazem alusão ao nascimento e aos primeiros momentos da vida de Jesus. Ao término do terço, em meio à emoção, as bandejas de quitandas são levadas aos pés da imagem venerada para receber as bênçãos e daí tem-se início a farta distribuição de biscoitos, bolos, salgados e bebidas doados pelos devotos. As crianças são sempre homenageadas com balas e chocolates.

O ensejo mantém uma tradição que está enraizada constituindo as identidades daqueles que há gerações, vem vivenciando um modo particular de produzir o sagrado. É um culto popular na medida em que recebe devotos de todos os cantos da cidade, mas é realizado num ambiente privado de domínio familiar. Segundo os devotos, a representação simples de um Deus criança coloca o simbolismo da fé no futuro da humanidade.

Não se trata de uma manifestação única e isolada, já que na cidade é comum os terços e cantatas de Natal realizados pelas famílias nos seus presépios, conforme descrição anterior. Sua peculiaridade reside no fato de se cultuar o Deus infante e não a sagrada família como acontece nas rezas de presépios. Localizamos dois destes cultos ao Menino Jesus popularmente conhecidos na cidade por culto ao Menino Jesus de Arlinda e culto ao Menino Jesus de Chico de Sá, este último é homenageado com uma missa realizada na igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário ou na Igreja do Bonfim como aconteceu nos dois últimos anos, não tendo a distribuição da comida.

As festividades em torno destes cultos ocorrem no dia 1º de janeiro e não no dia 25 de dezembro data em que se comemora a natividade de Jesus e representa o reconhecimento de Jesus como Deus desde sua infância. A perpetuação dos rituais em torno das imagens envolve

um complexo mundo de devoção ao sagrado e os sujeitos envolvidos são parentes, vizinhos, compadres, amigos, pertencentes à mesma condição de devotos do Deus Menino.

Os terços cantados pelos cavaleiros das tradicionais Cavalhadas – torneio equestre que encena as batalhas entre mouros e cristãos na Península Ibérica – foram inseridos aos festejos em louvor ao Divino Espírito Santo recentemente. A festa de Pentecostes é realizada em Pirenópolis há quase dois séculos e ao longo desse período foi incorporando festividades como as festas dos santos pretos Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, as folias e as cavalhadas que nas festas “fundiam-se com a religiosidade popular católica e, a partir dessa relação, trocaram símbolos que se tornaram elementos culturais locais” (Silva, 2001, p. 49). Contudo estas celebrações desenvolveram manifestações entendidas pela Igreja como profanas pelo uso de bebidas e excessos em geral, a instituição do terço foi uma aproximação das reuniões dos cavaleiros com o culto ao Espírito Santo organizado pela Igreja. No entanto, o encontro dos cavaleiros para realização dos terços cantados tem servido para ampliar o espaço da festa prolongando seu período de preparação. Assim,

novas formas de viver o *festejo* ou a redescoberta de formas antigas para nosso mundo nos obrigam hoje, mais do que ontem, a estender o poder e o significado da *festa* e de seus *ritos* e *celebrações*. Cada vez mais ela não quer tanto se opor à rotina e ao trabalho produtivo, mas apenas invadi-los e interagir com eles. Invadir a política, o lado do sério nas relações que entre si os homens trocam. Para aqueles a quem o sentido da *festa* é ela ter sempre a ver com o tradicional, a memória do antigo ou a proximidade do sagrado (Brandão, 2009, p.130).

1233

São vinte e quatro cavaleiros divididos entre mouros, vermelhos, e cristãos, azuis. Estes cedem suas residências para realização dos terços iniciados em janeiro e realizados nas segundas-feiras e sextas-feiras até a semana que antecede o domingo da Ressurreição. O primeiro terço é realizado numa sexta-feira na residência do Rei Mouro, na histórica Fazenda Babilônia, seguindo para a casa do Rei Cristão na segunda-feira e assim sucessivamente intercalando cavaleiros mouros e cristãos até completar os vinte quatro terços. O pároco local ou algum representante da Igreja costuma comparecer nestas celebrações e realizar uma pequena pregação ao final da reza que consiste em confirmar a importância da realização do terço e a aproximação destes cavaleiros dos rituais *sagrados* como as missas, novenas, pouco frequentadas por estes.

A celebração reúne, além dos cavaleiros e seus familiares, a população em geral atraída pela música e pelo farto banquete oferecido, comumente uma janta com cardápios variados

que vão do arroz com frango, feijão tropeiro, passando pela feijoada e o caldo de mandioca com costela, até os salgados como pastéis, empadas e quibes.

O terço é iniciado e comandado pelo Rei Cristão, as Ave-Marias são cantadas acompanhadas pelo acordeon, violão, viola, pandeiro, caixa e chocalho – estes três últimos tocados pelos próprios cavaleiros. Na casa onde o terço é rezado é montado um altar para a Coroa do Divino Espírito Santo que é levada pelo Imperador, figura central na organização da Festa do Divino. Dividindo o mesmo espaço encontram-se também os santos de devoção da família anfitriã. Os cavaleiros postam-se diante deste altar, mas divididos entre mouros e cristãos, quando um grupo inicia o canto da Ave-Maria até o meio da oração o outro grupo dá continuidade, isso se inverte quando muda o mistério do terço.

No final do terço o Hino do Divino, composição de Antônio da Costa Nascimento, conhecido como Tônico do Padre, um compositor local que viveu entre 1837 a 1903, é executado e acompanhado pelos presentes. O canto deste hino é obrigatório quando os cavaleiros se reúnem em celebrações e a Coroa do Divino, um dos símbolos mais representativos da Festa do Divino se faz presente.

Considerações finais

O estudo desta pequena amostra das manifestações culturais em Goiás – os terços cantados em Anápolis e Pirenópolis – demonstram a riqueza do saber local, as experiências coletivas e as práticas subjetivas que garantem e compõem as identidades territoriais e religiosas dos goianos.

Os terços cantados possuem um forte envolvimento popular, são manifestações culturais que acontecem há séculos, demonstrando a importância para a comunidade que as realizam, uma vez que, são experienciadas por várias gerações. O caso inverso, da pequena recorrência temporal, identificado nas pesquisas apontam para o fato de que criar ou recriar novas manifestações é prática comum para os goianos, e daí a necessidade de investigar junto aos “devotos-foliões” o que geram estas iniciativas.

Estas práticas religiosas coletivas estruturadas numa sequência ritual demonstram a solidariedade entre os partícipes e põem em evidência as questões da ruralidade ainda presentes no espaço urbano. São manifestações culturais religiosas que ainda sustentam uma identidade rural goiana latente nos elementos culturais dessas populações, que nas periferias, nas comunidades de bairros reproduzem suas práticas como ligadura de uma identidade territorial (Di Méo, 2001).

Identificar os sujeitos envolvidos, os guardiões (mestres) dessas manifestações culturais religiosas realizadas em Anápolis e Pirenópolis como os terços cantados têm sido um desafio para equipe, são dezenas de histórias orais, cujo registro das falas e das memórias dá mostras do valor cultural do estado de Goiás.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de e MOTA, Roseane Dias. No Giro da Festa: as folias e manifestações presentes no ciclo natalino no Estado de Goiás. In: XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador. Anais XI CONLAB - Salvador 2011. Salvador - BA, 2011, v. 1, s/p.

BOSI, A. (Org.). Cultura brasileira — temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prece e bênção: espiritualidades religiosas no Brasil. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro. Ed. Tecnoprint S.A., 1972.

DI MÉO, G. La Géographie en Fêtes. Paris: Ophrys, 2001, 270p.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Pela fé, a representação de tantas histórias. Estudos de História, Franca, v.7, n.1, 2000.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. Uma ponte para o mundo goiano do século XIX: um estudo da casa meia-pontense. Goiânia, Agepel, 2001.

PAULA, M. H. e DUARTE, A. N. Terços Rurais Cantados: identidade linguística e cultural. Revista. Let. & Let. Uberlândia-MG, v.26, n.2 p.405-425 jul. | dez. 2010.

ROSENDAHL, Z. Espaço e Religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

SAINT-HILAIRE. Viagem à Província de Goiás. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

TURNER, Victor. O processo ritual. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

ⁱ O presente artigo está vinculado ao Grupo de Pesquisa em Turismo e Gastronomia Canela d'Ema - Câmpus Pirenópolis/UEG e à pesquisa "Artes e Saberes nas Manifestações Católicas Populares" TECCER/UEG, que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — FAPEG, conforme Chamada Pública nº 005/2012.